

ASPECTOS DISCURSIVOS DO RECURSO DA DECLARAÇÃO TEXTUAL
NOS GÊNEROS NOTÍCIA E REPORTAGEMGustavo Henrique de Toledo Ferreira¹

Resumo: Este estudo objetiva oferecer subsídios ao ensino de Língua Portuguesa sobre o uso da declaração textual em notícias e reportagens, fazendo um levantamento das escolhas de verbos dicendi em dois grandes jornais e comentando aspectos discursivos dessas escolhas. A metodologia, de caráter qualitativo, analisa o corpus de 20 textos (10 notícias e 10 reportagens) publicados na Folha de S.Paulo e em O Estado de S. Paulo numa semana de 2014, com relação aos verbos dicendi utilizados para a inserção de declarações textuais. A fundamentação teórica baseia-se em estudos da Comunicação Social sobre redação jornalística e da Linguística sobre aspectos discursivos da linguagem. Os resultados mostraram o emprego de verbos básicos, como “afirmar” e “dizer”, e também de verbos interpretativos e ideológicos, que sustentam pressupostos e permitem inferências relativas ao contexto em que foram enunciados, tais como “acusar”, “cravar” e “reagir”. Assim, o repórter não se limita a relatar, imparcialmente, a declaração da fonte; ele a interpreta. O estudo revela um repertório maior de verbos dicendi e oferece subsídios para uma leitura menos ingênua e mais crítica dos efeitos de sentido que determinada escolha do repórter pode provocar numa notícia ou numa reportagem.

Palavras-chave: Aspectos discursivos. Notícia e reportagem. Declaração textual.

Abstract: This study aims to provide support to the teaching of Portuguese Language on the use of textual declaration in news and reports, mapping the verbs choices dicendi in two major newspapers and commenting discursive aspects of these choices. The methodology, qualitative, analyzes the corpus of 20 texts (10 news and 10 reports) published in Folha de S.Paulo and O Estado de S. Paulo in 2014 week, with respect to dicendi verbs used for entering textual declarations.

¹ Graduado em Letras pela Universidade de Taubaté (Unitau). E-mail: gustavoh.ferreira@outlook.com

. The results showed the use of basic verbs, such as “afirmar” and “dizer”, and also of interpretative and ideological verbs, that underpin assumptions and allow inferences relating to the context where they were declared, such as “acusar”, “cravar” and “reagir”. Thus, the reporter is not limited to report the declaration of source impartially; he interprets it. The study reveals a greater repertoire of dicendi verbs and offers subsidies to a less ingenuous and more critical reading of the effects of sense which particular choice of reporter may cause in news or reports.

Keywords: Discursive aspects. News and report. Textual declaration.

INTRODUÇÃO

A produção textual escrita de um gênero discursivo, segundo Lopes-Rossi (2012, p. 233), requer vários níveis de conhecimentos, sendo eles, pela ordem de importância, sobre:

aspectos sociocomunicativos do gênero; elementos composicionais verbais e não-verbais; movimentos retóricos do gênero (se houver um padrão estável no gênero a ser produzido); aspectos de organização textual (frases, parágrafos, elementos de coesão), aspectos gramaticais (pontuação, concordância nominal e verbal, crase, regência nominal e verbal).

Dependendo do gênero a ser produzido, um ou outro nível de conhecimento pode mostrar-se mais complexo para os alunos e exigir explicações e exercícios específicos para seu domínio. Os gêneros discursivos notícia e reportagem, especificamente, integram os currículos do Ensino Básico e Médio e são solicitados em grande parte dos vestibulares brasileiros, bem como recomendados pelos PCN (BRASIL, 2000).

Por meio da experiência do pesquisador como professor de redação no Ensino Médio, observam-se dificuldades dos alunos em diferentes níveis de produção desses gêneros. Destaca-se como um dos problemas que motivaram esta pesquisa a dificuldade dos alunos na apresentação de declaração textuais, seja pelo mau uso de verbos dicendi, seja por sua repetição excessiva.

Outro problema refere-se à falta de subsídios para o professor a respeito das formas linguísticas utilizadas para relatar as declarações de fontes de informação e de aspectos discursivos decorrentes da escolha do verbo dicendi empreendida pelo repórter.

Diante desses problemas, este estudo busca oferecer subsídios ao professor de Língua Portuguesa sobre o uso do recurso da declaração textual em notícias e reportagens. Em específico, faz-se um levantamento das possibilidades de escolha de verbos dicendi de que repórteres de dois grandes jornais brasileiros fazem uso e comentam-se aspectos discursivos referentes a essas escolhas. Assim, a pergunta que orienta a pesquisa é a seguinte: quais os verbos dicendi empregados no corpus selecionado para a apresentação de declarações textuais e quais suas principais características discursivas? A hipótese é a de que os repórteres, em geral, usam um repertório variado de verbos dicendi, e suas escolhas não são neutras.

A metodologia empregada tem caráter qualitativo. Descreve-se o corpus, composto de 20 textos publicados nos jornais Folha de S.Paulo e O Estado de S. Paulo em uma semana de abril de 2014: 10 textos de cada jornal – 05 notícias e 05 reportagens. Em seguida, analisam-se os verbos dicendi utilizados para a inserção de declarações textuais, a partir da fundamentação teórica. Esta se baseia em estudos da Comunicação Social e da Linguística Aplicada, tais como manuais de redação de jornais e revistas de grande circulação, a saber: Manual da Redação: Folha de S.Paulo (FOLHA DE S.PAULO, 2013); Manual de Redação e Estilo de O Estado de S. Paulo (MARTINS FILHO, 1997); O Globo. Manual de redação e estilo (GARCIA, 1992); Manual de Estilo Editora Abril: como escrever bem para nossas revistas (EDITORA ABRIL, 1990); e estudos linguísticos de Mainueneau (2001), Charaudeau (2006) e Marcuschi (2007).

1.FONTES DE INFORMAÇÃO E DECLARAÇÃO TEXTUAL

As declarações textuais estão diretamente relacionadas à existência de fontes de informação. Assim, embora esta pesquisa focalize a declaração textual na sua condição de recurso linguístico, justifica-se uma exposição breve acerca das fontes de informação.

Estas podem ser de caráter pessoal, institucional e documental, e o grau de confiança que se pode atribuir a cada uma delas é variável, de acordo com Lage (2012). Como se sabe, poucas

matérias jornalísticas são integralmente oriundas da observação direta. “A maioria contém informações fornecidas por instituições ou personagens que testemunham ou participam de eventos de interesse público. São o que se chama de fontes.” (LAGE, 2012, p. 49) [grifo do autor].

Com as fontes, o repórter coleta informações que, se utilizadas no texto, constituir-se-ão, em matéria de jornalismo, em declarações textuais. A reprodução destas “confere credibilidade à informação, dá vivacidade ao texto e ajuda o leitor a conhecer melhor o personagem da notícia”. (FOLHA DE S.PAULO, 2013, p. 39). A tendência é que o leitor confie mais na informação, já que “não é só o repórter que está dizendo aquilo; outra pessoa está confirmando a informação”. (MARTINS FILHO, 1997, p. 86). Para o autor, é preciso, porém, ter sensibilidade e bom senso para usar o recurso de forma equilibrada, em informações de grande impacto; inserir uma declaração textual a cada um ou dois parágrafos é o ideal. Informação de caráter universal não deve ser atribuída a ninguém, mas assumida pelo próprio repórter (FOLHA DE S.PAULO, 2013): escreve-se “A água ferve a 100 °C”, e não “A água ferve a 100 °C, informou o químico”.

É importante ser fiel ao que foi enunciado. Na transcrição de declarações, é essencial respeitar o contexto e a intenção do falante (GARCIA, 1992). “Para facilitar a leitura, pode-se suprimir trecho ou alterar a ordem do que foi dito – desde que respeitado o conteúdo.” (FOLHA DE S.PAULO, 2013, p. 40). Deve-se, ainda, adaptar as declarações às normas gramaticais, acertar concordâncias, eliminar repetições muito frequentes e contornar vícios de linguagem (a não ser que haja alguma razão para manter o texto literalmente). Essas adaptações não devem, porém, fazer com que a declaração assuma caráter artificial em relação à fonte que a enunciou (MARTINS FILHO, 1997).

Para indicar as declarações textuais, usam-se travessões e, sobretudo, aspas, como indicam Martins Filho (1997) e Garcia (1992). O Manual da Redação: Folha de S.Paulo, por sua vez, considera apenas o uso de aspas, não aceitando o uso de travessões mesmo em diálogos.

Há verbos que têm como função indicar a introdução ou a proveniência de uma declaração textual: são os verbos dicendi (ou declarativos). Dentre eles, o mais empregado é o verbo “dizer”; por ser mais neutro, simples e direto, costuma ser o mais adequado na maior parte das situações. No entanto, seu

uso constante pode deixar o texto frio e monótono (EDITORA ABRIL, 1990). No jornalismo, verbos dicendi comuns são, entre outros,

afirmar, dizer, declarar, destacar, frisar, ressaltar. Estes verbos nem sempre aparecem antes de declarações breves. Às vezes aparecem, no texto, no meio da declaração, às vezes no final, às vezes nem sequer aparecem explícitos, ficando apenas subentendidos. (COIMBRA, 1993, p. 79).

Outros empregados com frequência são: acentuar, admitir, argumentar, garantir, informar.

Trocar os verbos dicendi de forma indistinta pode levar à distorção, ou mesmo inversão, do sentido da declaração (FOLHA DE S.PAULO, 2013). Como se sabe, os verbos supracitados não são sinônimos perfeitos. "Cada um tem uma nuance que o diferencia dos outros." (COIMBRA, 1993, p. 79). Por exemplo: "sou inocente, disse" é muito diferente, semântica e pragmaticamente, de "sou inocente, alegou". Ademais, em declarações com mais de uma frase, a fonte deve ser identificada logo após a primeira frase e não ao final da última. Nesses casos, é pertinente dispensar o segundo verbo dicendi, por ser, quase sempre, redundante (FOLHA DE S.PAULO, 2013).

EXEMPLO DE EXCERTO DE REPORTAGEM DO CORPUS DA PESQUISA COM ESSAS CARACTERÍSTICAS:

A única ambulância está parada por falta de peças de reposição. "Dependendo das condições, as parturientes são transferidas", afirmou Olga. "Aqui, estamos tecnicamente fechados." (O Estado de S. Paulo, 06 abr. 2014) [grifo do pesquisador].

1.1 ASPECTOS DISCURSIVOS DA DECLARAÇÃO TEXTUAL

Em sua condição de gênero discursivo, a notícia está inserida em um domínio do espaço público, qual seja a práxis do jornalismo. Falar em notícia é falar, então, em um "conjunto de informações que se relaciona a um mesmo espaço temático, tendo um caráter de novidade, proveniente de uma determinada fonte e podendo ser diversamente tratado". (CHARAUDEAU, 2006, p. 132) [grifos do autor].

O discurso de informação midiático apresenta duas características essenciais: a efemeridade e a a-historicidade. Nesse

contexto, é tarefa das mídias cuidar de acontecimentos que se situam numa cotemporalidade² enunciativa; em outros termos, elas devem tentar aproximar ao máximo os dois extremos da cadeia temporal: o instante do surgimento do acontecimento ao instante do consumo da notícia (CHARAUDEAU, 2006). Caracterizam, portanto, o discurso midiático a busca da atualidade e a obsessão pelo presente.

Sabe-se que acontecimento não é sinônimo de notícia. Aquele está no plano da realidade empírica, enquanto esta é construída a partir do filtro de um ponto de vista particular, sendo, pois, um objeto que é dado como um fragmento do real (CHARAUDEAU, 2006). Para o autor, “o acontecimento só se torna notícia a partir do momento em que é levado ao conhecimento de alguém” (CHARAUDEAU, 2006, p. 132). Diante disso, ainda segundo esse autor, nem todo ocorrido torna-se notícia (ou reportagem), visto que os acontecimentos que se produzem no mundo são em número bem superior ao dos tratados pela mídia.

Ao selecionar os acontecimentos a serem noticiados, as mídias operam um recorte do espaço público (CHARAUDEAU, 2006). A estruturação do espaço social pelas mídias manifesta-se na criação de domínios de atividade. Estes, na visão do autor, “refletem a maneira pela qual cada grupo social representa o conjunto de atividades realizadas por seus membros” (CHARAUDEAU, 2006, p. 143). Para ele, há três domínios de atividade: i) o da atividade política (no qual se encontram aqueles que participam da cena do poder político); ii) o da atividade cidadã (em que estão os que participam da vida social, como manifestantes e grevistas); e iii) o da atividade civil cotidiana (no qual estão “aqueles que participam da vida social como atores-testemunhas de seu próprio cotidiano [...] tendo passado pela experiência de heróis ou vítimas” (CHARAUDEAU, 2006, p. 144). Estes são pouco colocados em cena pelas mídias.

Como a instância midiática não pode, evidentemente, inventar as notícias, ela deve fazer uso de fontes externas ou internas ao organismo de informação. De acordo com Charaudeau (2006, p. 148), cabe, pois, à instância de produção as seguintes responsabilidades: “obter os meios de aceder a um máximo de fontes possíveis, verificá-las e apresentá-las”.

²Para Charaudeau (2006), o termo “contemporaneidade”, corrente, entre outros, no domínio filosófico, histórico e científico, cobre um espaço de tempo muito mais extenso do que o coberto pela cotemporalidade midiática.

”. Quanto à forma de identificação da fonte, o autor apresenta duas categorias: o modo de denominação e a modalidade de enunciação. No primeiro caso, identifica-se por meio do nome, o qual pode vir ou não acompanhado de pronomes de tratamento, assim como do título ou função da pessoa. No outro, a identificação pode dar-se: por meio de verbos declarativos (de modalidade, para o autor), como, por exemplo, “anuncia”, “declara”, “diz”; por meio de locuções, como “conforme”, “de acordo com”, “segundo”; e pelo uso do condicional, o que indica uma distância em relação ao valor de verdade da declaração.

Para Authier-Revuz (1982 apud BRANDÃO, 2012), o discurso relatado é constitutivamente heterogêneo, visto que nele o sujeito (no caso, aquele que relata) incorpora o discurso do outro. Nas palavras de Brandão (2012, p. 60):

- no discurso indireto, o locutor, colocando-se enquanto tradutor, usa de suas próprias palavras para remeter a uma outra fonte do ‘sentido’;
- no discurso direto, o locutor, colocando-se como ‘porta-voz’, recorta as palavras do outro e cita-as.

Maingueneau (2001) analisa as formas de discurso direto inserido no jornalismo como estratégias discursivas do repórter para marcar o que é de sua responsabilidade e o que é da fonte. Para o autor, em geral, “o indivíduo que fala e se manifesta como ‘eu’ no enunciado é também aquele que se responsabiliza por esse enunciado”. (MAINGUENEAU, 2001, p. 137) [grifos do autor]. Tal asserção mostra a importância de se distinguir o discurso citante (do repórter) do discurso citado (da fonte), o que pode ser feito por meio do emprego de modalizadores, estratégia denominada de modalização em discurso segundo.

O emprego do discurso direto para marcar declaração de fonte de informação trata-se de uma encenação que contribui para a criação de um efeito de autenticidade, distanciamento, objetividade e seriedade (MAINGUENEAU, 2001). O autor esclarece que a frequente escolha do discurso direto pelos repórteres para desempenhar essa função deve-se a categorias próprias do gênero discursivo e ao propósito comunicativo de cada texto.

A declaração textual entre aspas apresenta-se como as palavras exatas que foram ditas pela fonte; no entanto, há todo um contexto (entonação, gestos, etc.) que não pode estar presen-

te no enunciado citado. Desse modo, vê-se que o discurso direto não pode ser objetivo: “por mais que seja fiel, o discurso direto é sempre apenas um fragmento de texto submetido ao enunciador do discurso citante, que dispõe de múltiplos meios para lhe dar um enfoque pessoal”. (MAINGUENEAU, 2001, p. 141).

Segundo o autor, o discurso citante deve, em relação ao leitor, satisfazer a duas exigências: i) indicar que houve um ato de fala; ii) marcar a fronteira que o separa do discurso citado. Recursos tipográficos como aspas, dois pontos, itálico e travessões podem ser usados para delimitar a declaração textual citada. Em relação à primeira exigência, o ato de fala pode apresentar-se por meio dos seguintes recursos: i) emprego de verbos introdutores (os declarativos); ii) emprego de grupos preposicionais (as locuções); e iii) ausência de introdutor explícito (marca tipográfica).

Marcuschi (2007), por sua vez, também chama a atenção para a não neutralidade na reprodução de declarações textuais operada pelos repórteres. Para o autor, como estes procedem a uma nova seleção de termos e a uma nova construção sintática, não está nunca excluída “a possibilidade de distorção ou interferência no discurso relatado” (p. 146). Ademais, não há informação esvaziada de ideologia; toda “informação é fruto de uma certa compreensão do fenômeno apresentado. E esta compreensão funda-se nas estruturas sócio-político-culturais daquele que informa.” (MARCUSCHI, 2007, p. 146) [grifo do autor].

Nesse sentido, relatar ou citar o pensamento de alguém implica certa tomada de posição diante do exposto (MARCUSCHI, 2007), o que remete à parcialidade. Para o autor, esta “se dá na introdução do discurso alheio, seja como interpretação, seleção ou avaliação” (MARCUSCHI, 2007, p. 146). Em outros termos, ao introduzir uma declaração textual o repórter interpreta o dito por meio da inserção de determinado verbo dicendi (ou declarativo), seleciona o que deve ou não ser relatado, procede a recortes, o que denota uma avaliação. Portanto, é praticamente impossível informar de forma neutra. A informação, no caso da declaração informada, é sempre a apresentação de um discurso interpretado.

Para Marcuschi (2007), as formas linguísticas mais frequentes no relato de declarações (ou opiniões, no entendimento do autor) são as seguintes: i) mediante a introdução de um verbo; ii) mediante a produção de uma nominalização; iii) mediante o emprego de construções adverbiais (locuções); e iv) mediante dois pontos ou inserção aspeada no texto. Em relação à primeira, acredita-se que os verbos introdutores de declaração são parafraseantes sintéticos,

uma vez que eles “resumem em uma só palavra o sentido geral do discurso a relatar” (MARCUSCHI, 2007, p. 149). Tais verbos indicam uma ação sobre o discurso relatado.

[...] qual a diferença entre se relatar que alguém “disse” algo ou que alguém [...] “revelou”, “advertiu”, “contou”, “condenou”, “elogiou”, “confessou”, “achou” isso ou aquilo com seu discurso? A hipótese que tento defender é a de que a ação desses verbos hierarquiza, reforça, discrimina, classifica, etc. os autores das respectivas opiniões relatadas. (MARCUSCHI, 2007, p. 158).

Pelos autores mencionados, observa-se que é muito difícil informar sem manipular, por melhores que sejam as intenções. Desse modo, é evidente que “as estratégias jornalísticas para relatar opiniões não são uma mera questão de estilo, pois as palavras são instrumentos de ação e não apenas de comunicação”. (MARCUSCHI, 2007, p. 168). Para finalizar a seção, retoma-se Charaudeau (2006, p. 151), para quem o universo da “informação midiática é efetivamente um universo construído. [...]. Assim, a instância midiática impõe ao cidadão uma visão de mundo previamente articulada, [...] como se fosse a visão natural do mundo”. [Grifo do pesquisador.]

2. ANÁLISE DE DADOS

O corpus é composto de 20 textos publicados nos jornais Folha de S.Paulo e O Estado de S. Paulo em uma semana de abril de 2014: 10 textos de cada jornal – 05 notícias e 05 reportagens. A seleção dos textos deu-se pelo critério de apresentarem ao menos uma declaração textual, independentemente do tema das notícias e reportagens. Dois exemplos de declarações textuais nas notícias e reportagens selecionadas são:

A empresa informou que está “em total conformidade” com as normas de trabalho nacionais e internacionais e “pronta para colaborar com as autoridades”. (Folha de S.Paulo, 05 abr. 2014).

“Eles chegaram ao complexo fortemente vigiado e estavam à espera do comboio para seguir adiante”, disse o freelancer [...]. (O Estado de S. Paulo, 05 abr. 2014).

Embora a preocupação deste estudo não seja quantitativa,

no decorrer desta seção serão apresentados alguns quadros, os quais objetivam indicar a dimensão numérica da apresentação de declarações textuais em notícias e reportagens dos jornais Folha de S.Paulo e O Estado de S. Paulo, e, ainda, as formas como essas declarações apresentam-se e seus principais aspectos discursivos. Assim, buscam-se as respostas para a pergunta de pesquisa: quais os verbos dicendi empregados no corpus selecionado para a apresentação de declarações textuais e quais suas principais características discursivas?

O Quadro 1, a seguir, apresenta o levantamento dos verbos apresentados nas notícias do corpus. Utilizam-se FSP, para Folha de S.Paulo, e ESP, para O Estado de S. Paulo. Os negritos são do pesquisador.

QUADRO 1: VERBOS DICENDI APRESENTADOS EM 05 NOTÍCIAS DA FOLHA DE S.PAULO E 05 DE O ESTADO DE S. PAULO

Quadro 1: Verbos *dicendi* apresentados em 05 notícias da *Folha de S. Paulo* e 05 de *O Estado de S. Paulo*

Verbos	Quantidade	Exemplo
Afirmar	8	“Sai correndo, quase que vou para o beleléu”, afirmou (FSP, 06 abr. 2014).
Dizer	5	Aécio disse que as pesquisas ainda não refletem um “cenário real de intenção de voto” porque a campanha oficial não iniciou (FSP, 07 abr. 2014).
Infomar	2	Até a noite de ontem, a companhia informou não ter recebido “qualquer auto de infração” do Ministério do Trabalho (FSP, 05 abr. 2014).
Acreditar	1	Líder do PSDB [...] acredita que queda da presidente Dilma Rousseff se deve “ao conjunto da obra: Petrobras, inflação que está voltando, falta de correspondência entre anúncios do governo e realidade” (FSP, 07 abr. 2014).
Acusar	1	Maney acusa o rival de manter em sua equipe “pessoas importantes defendendo claramente um projeto de redução da independência funcional” [...] (ESP, 05 abr. 2014).
Atribuir	1	Aécio atribui a “erros repetidos” do governo a queda da presidente Dilma (FSP, 07 abr. 2014).
Contar	1	“Na última chuva, os três tomaram banho de chuva”, conta Souza (ESP, 06 abr. 2014).
Cravar	1	“Temos no ar o cheiro de um projeto autoritário”, cravou o opositor, que foi procurador-geral três vezes (1996/2004) [...] (ESP, 05 abr. 2014).
Declarar	1	O chanceler sueco declarou que a integração da península ao território russo é inaceitável. “Devemos ser firmes na aplicação da lei” (ESP, 06 abr. 2014).
Negar	1	Questionado, o ministro negou que o governo tenha desistido de um projeto próprio. “Pode acontecer de apresentar o projeto próprio, mas quero ver se construo consenso previamente” (FSP, 05 abr. 2014).
Reagir	1	“Não há um único projeto que ponha sob ameaça a independência dos promotores [...]”, reagiu Elias Rosa (ESP, 05 abr. 2014).
Reclamar	1	A dona de casa [...] tem de comprar água de galão para o consumo e reclama do gasto extra. “São dois galões por semana, o que dá R\$ 48 por mês” (ESP, 06 abr. 2014).

Fonte: *Corpus* da pesquisa

Como indica o quadro, foi constatada, nas notícias de ambos os jornais, uma variação total de 12 verbos introdutórios de declaração. Os verbos dicendi mais empregados pelos repórteres foram “afirmar” e “dizer”. Verbos dicendi como “afirmar”, “dizer”, “informar”, “contar” e “declarar” podem ser considerados mais básicos e mesmo “neutros”³, no que diz respeito à interpretação do repórter acerca da situação em que a declaração foi proferida. Essa aparente neutralidade esconde o fato de que, como explica Charaudeau (2006, p. 155), o “acontecimento não é jamais transmitido em seu estado bruto, pois, antes de ser transmitido, ele se torna objeto de racionalizações” do repórter.

Já os outros sete verbos dicendi apresentam pressupostos, permitem inferências relativas ao contexto em que foram enunciados, bem como parecem revelar uma interpretação do repórter acerca da declaração relatada. Tais verbos são: “acreditar”, “acusar”, “atribuir”, “cravar”, “negar”, “reagir” e “reclamar”. Ainda assim, é possível separá-los em duas categorias: a primeira, relativa aos que permitem inferências de nível mais simples, menos complexo, a saber: “acreditar”, “atribuir” e “negar”; e a segunda, concernente aos verbos que exibem mais o seu caráter interpretativo e ideológico e que, por isso, demandam o resgate do contexto em que apareceram, quais sejam: “acusar”, “cravar”, “reagir”, “reclamar”.

Em relação à primeira categoria, observa-se que, ao relatar que a fonte acredita em algo, o repórter livra-se da responsabilidade pelo conteúdo da declaração textual (MAINGUENEAU, 2001), e esta, apresentada não como fato, mas, sim, como opinião puramente pessoal da fonte, torna-se facilmente contestável. Sobre o verbo “atribuir”, os efeitos de sentido são semelhantes aos produzidos pelo verbo anterior. Como “a negação é sempre polifônica” (ORLANDI, 2012, p. 89), o emprego do verbo dicendi “negar” pressupõe a existência de outro discurso que se opõe ao da fonte, afirmando o que esta nega.

Já no que diz respeito aos verbos dicendi da segunda categoria, é importante, como mencionado, reconstruir, ao menos parcialmente, o contexto de seu emprego, o que será feito, a seguir, por meio da reprodução de excertos de duas notícias. Os negritos são do pesquisador.

Candidatos a procurador-geral focam orçamento e independência
Na reta final das eleições do Ministério Público paulista, os dois can-

³As aspas justificam-se: a neutralidade não depende apenas do verbo e, de fato, não existe (MARCUSCHI, 2007).

didatos ao cargo de procurador-geral de Justiça protagonizaram queda de braço em um ambiente de forte tensão e concentram seus discursos em dois pontos de grande relevância para os promotores: orçamento e independência. [...].

Marrey acusa o rival de manter em sua equipe “pessoas importantes defendendo claramente um projeto de redução da independência funcional” [...]. “Temos no ar o cheiro de um projeto autoritário”, cravou o opositor [...]. “Não há um único projeto que ponha sob ameaça a independência dos promotores, isso é um fantasma que quer esconder a falta de projeto”, reagiu Elias Rosa. (O Estado de S. Paulo, 05 abr. 2014).

Os atores presentes na notícia reproduzida representam um grupo social e estão inseridos no domínio da atividade (cf. CHARAUDEAU, 2006) política, no qual é mais comum a circulação de discursos opostos. No contexto, relatar que um candidato acusa o outro consiste, evidentemente, na interpretação, por parte do repórter, da declaração daquele como uma acusação. Ademais, relatar que o acusado cravou uma resposta indica uma interpretação do repórter sobre a atitude incisiva e de combate desse acusado. Ainda na interpretação do repórter, seu opositor, dialógica e dialeticamente, reage. Assim, observa-se que o repórter, por meio da escolha desses verbos dicendi, permite que o leitor infra sobre a tensão no diálogo dos dois opositores.

Como visto nas teorias consultadas, ao relatar uma declaração, o repórter implica-se em certa tomada de posição, que, na introdução do discurso de outrem, pode revelar-se na interpretação, seleção ou avaliação do exposto (MARCUSCHI, 2007). O que se pretende, nesta pesquisa, é chamar a atenção para como os verbos dicendi escolhidos pelo repórter podem suscitar no leitor inferências além da mera reprodução da declaração, como mostra outro excerto de notícia transcrito a seguir, do qual se comenta o verbo “reclamar”.

Itu vive há 2 meses com cortes de água

A torneira do banheiro virou o despertador da comerciante Maria Marlene, de 56 anos [...]. Ela acorda com o barulho da água chegando, por volta das 3h, e corre para abastecer, durante a madrugada. [...] “Chegamos a ficar uma semana inteira sem uma gota de água, por isso compramos todos esses recipientes.” [...].

A dona de casa Maria José da Silva, de 65 anos [...], junta a roupa da semana para lavar toda de uma vez. [...] Como o líquido sai da torneira amarelado, ela tem de comprar água de galão para o con-

sumo e reclama do gasto extra. “São dois galões por semana, o que dá R\$48 por mês.” (O Estado de S. Paulo, 06 abr. 2014).

O contexto da notícia anterior consiste no racionamento de água na cidade de Itu (SP). Dadas as dificuldades que a falta de água produz, sobretudo em relação às donas de casa, o leitor pode inferir, sempre com base em pistas concretas, deixadas pelo verbo dicendi “reclamar”, que o repórter tenha interpretado a declaração da fonte como uma reclamação, e não como uma simples afirmação ou constatação, como o emprego de verbos mais “neutros” indicaria. Novamente, o que se percebe não é o relato essencialmente objetivo, mas, sim, acompanhado de uma tomada de posição diante do exposto (MARCUSCHI, 2007).

A seguir, o Quadro 2, por sua vez, apresenta o levantamento dos verbos apresentados nas reportagens do corpus.

Verbos	Quantidade	Exemplo
Dizer	24	“Não vai existir o governo João Lyra. Vai ser a conclusão do governo Eduardo Campos”, disse (FSP, 05 abr. 2014).
Afirmar	8	“Tenho o mesmo tipo de furor que lembro de ter tido aos cronológicos 20 anos, tenho o mesmo tipo de dúvida, de inquietação, de segurança e inseguranças”, afirmou o ator em entrevista recente (ESP, 06 abr. 2014).
Lembrar	3	Pelo Twitter, o ex-prefeito do Rio César Maia lembrou do tempo em que o ator teve cargo público: “Honrou a prefeitura quando presidente da Rio-Filme (<i>empresa fomentadora de cinema</i>).” (ESP, 06 abr. 2014).
Acrescentar	1	“Há limite para o tempo e o esforço que os EUA podem despende se as próprias partes não estão interessadas em medidas construtivas para seguir adiante”, acrescentou (FSP, 05 abr. 2014).
Apontar	1	Foi aí, aponta o presidente da associação em Cuiabá, Luis Verdu, que muitos empresários falharam. “Pessoas com dinheiro foram fazendo por conta própria. Temos uma guerra de concorrência.” (FSP, 06 abr. 2014).
Avaliar	1	[...] Kugelman avalia que a data-limite para a definição do futuro das tropas americanas é o mês de outubro. “No Iraque, [...] Obama só abandonou a ideia de manter tropas no país em outubro de 2011” (ESP, 06 abr. 2014).
Comentar	1	“Zé morreu. Um grande amigo, uma grande pessoa querida e especial na minha vida. Perdemos um dos bons, inteligência e sensibilidade. Triste demais”, comentou a atriz Paula Braun (ESP, 06 abr. 2014).
Comparar	1	“Karzai será a versão afegã de (Vladimir) Putin em sua relação com (Dmitri) Medvedev”, comparou [...] (ESP, 06 abr. 2014).
Expressar	1	O presidente afegão, Hamid Karzai, expressou “profunda tristeza” pela morte de Anja e os ferimentos de Kathy (ESP, 05 abr. 2014).
Negar	1	Ele [Rusesabagina] nega se ver como um “Schindler ruandês”: “Sou um homem comum que fez o que deveria ser feito” (FSP, 07 abr. 2014).
Postar	1	“É com muito pesar que veja a saída de cena fora do combinado do meu amigo e enterrâneo Zé. Se é assim essa vida, vai com Deus e obrigado por tudo”, postou o humorista Tom Cavalcante (ESP, 06 abr. 2014).
Revelar	1	[...] mesmo com cinco décadas de dramaturgia, revelou , numa entrevista: “Sou uma pessoa que até hoje não sabe se quer ser ator” (ESP, 06 abr. 2014).

Fonte: Corpus da pesquisa

Apresentou-se, nas reportagens de ambos os jornais, uma variação de 12 verbos introdutores de declaração, valor que coincide com o apresentado nas notícias, conforme Quadro 1. Os verbos dicendi mais empregados pelos repórteres foram – como nas notícias – “dizer” e “afirmar”. No caso do Quadro 2, verbos como “dizer”, “afirmar”, “acrescentar” e “comentar” podem ser compreendidos como mais básicos e “neutros”, no que diz respeito ao posicionamento do repórter. Os outros apresentam pressupostos e permitem inferências relativas ao contexto em que foram enunciados.

Em primeiro lugar, observa-se que relatar que determinada fonte lembrou algo sugere que a lembrança seja um fato, e não uma opinião pessoal da fonte; ademais, lembrar pressupõe acontecimento passado, algo de que já sabe, mas ao qual se quer remeter. Com o emprego do verbo “apontar”, o repórter livra-se da responsabilidade pelo conteúdo da declaração (MAINGUENEAU, 2001), bem como indica tratar-se de opinião pessoal da fonte, portanto contestável. Os mesmos efeitos de sentido possíveis são observados no verbo declarativo “avaliar”.

Por sua vez, o verbo dicendi “comparar” pressupõe algo (um fato, um acontecimento, um discurso) com o que se compara. Em contexto, expressar é menos “neutro” que afirmar, comentar ou dizer; trata-se de revelar algo por meio do tom da fala e dos gestos – em outras palavras, por meio de todo o corpo. Como já visto, “negar” pressupõe a existência de outro discurso que se opõe ao da fonte, afirmando o que esta nega. Postar, por sua vez, revela situação de produção do discurso própria da contemporaneidade, a saber, o cenário de determinada rede social. Em última análise, o verbo “revelar” pressupõe que a informação declarada estava oculta ou consistia em segredo.

Diante disso, pode-se afirmar que o verbo dicendi que introduz a declaração textual é uma marca linguístico-textual que permite inferências de ordem discursiva sobre o posicionamento do repórter, posicionamento esse que se deve não só ao conteúdo da declaração, mas, também, ao contexto em que foi proferida. Assim, como explicado, a informação, no caso da declaração informada, é sempre a apresentação de um discurso que foi interpretado (MARCUSCHI, 2007).

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O corpus de notícias e reportagens da Folha de S. Paulo e de O Estado de S. Paulo evidenciou o uso frequente da

declaração textual como recurso para a criação de efeitos de autenticidade, distanciamento, objetividade e seriedade (MAINGUENEAU, 2001).

Confirmando a hipótese que norteou esta pesquisa, observou-se o uso de um repertório variado de verbos dicendi. Além dos mais comuns, como “acrescentar”, “afirmar”, “comentar”, “contar”, “declarar”, “dizer e “informar”, a lista de verbos para introduzir declaração textual inclui “acreditar”, “acusar”, “apontar”, “atribuir”, “avaliar”, “comparar”, “cravar”, “expressar”, “lembrar”, “negar”, “postar”, “reagir”, “reclamar” e “revelar”. Desse modo, o corpus desta pesquisa revelou mais opções de verbos dicendi a serem utilizados na redação de notícias e reportagens nas aulas de Língua Portuguesa, o que pode servir como subsídio para o trabalho do professor na preparação de atividades que focalizem a leitura e a produção escrita dos gêneros em questão.

Ainda em confirmação da hipótese sobre a não neutralidade das escolhas de verbos declarativos, pôde-se observar, em ambos os gêneros, o evidente emprego muito mais frequente de verbos mais básicos e mesmo “neutros”, como “afirmar” e “dizer”. Além desses, observaram-se verbos interpretativos e ideológicos, que sustentam pressupostos e permitem inferências, em maior ou menor grau, relativas ao contexto em que foram enunciados, a saber: “acreditar”, “acusar”, “apontar”, “atribuir”, “avaliar”, “comparar”, “cravar”, “expressar”, “lembrar”, “negar”, “postar”, “reagir”, “reclamar” e “revelar”. Entre outros efeitos de sentido possíveis, observa-se que o repórter, em determinados contextos, não se limita a somente relatar, de forma imparcial, a declaração concedida por sua fonte; mais do que isso, ele a interpreta como uma acusação, uma negação, uma reclamação – o que geralmente se revela no verbo dicendi escolhido para introduzir a declaração, como exposto em Marcuschi (2007).

Nesse sentido, os resultados da pesquisa contribuem para a compreensão mais ampla a respeito de aspectos discursivos decorrentes da forma como a declaração textual é inserida nos gêneros notícia e reportagem. O estudo oferece não apenas a possibilidade de conhecer um repertório maior de verbos dicendi, mas, também, subsídios para o desenvolvimento de uma leitura menos ingênua e mais crítica, que permita ao leitor compreender os efeitos de sentido que

determinada escolha lexical pode provocar em uma notícia ou em uma reportagem.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BRANDÃO, H. H. N. Introdução à análise do discurso. 3. ed. Campinas: Editora da Unicamp, 2012.

BRASIL. Secretaria de Educação Média e Tecnológica. Parâmetros Curriculares Nacionais - Ensino Médio: Linguagens, Códigos e suas Tecnologias. Brasília: MEC/Semtec, 2000.

CHARAUDEAU, P. A construção da notícia: um mundo filtrado. In: _____. Discurso das mídias. São Paulo: Contexto, 2006. p. 131-151.

COIMBRA, O. O texto da reportagem impressa: um curso sobre sua estrutura. São Paulo: Ática, 1993.

EDITORIA ABRIL. Manual de estilo Editora Abril: como escrever bem para nossas revistas. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1990.

FOLHA DE S.PAULO. Manual de Redação: Folha de S.Paulo. 18. ed. São Paulo: Publifolha, 2013.

GARCIA, L. (Org.). O Globo. Manual de redação e estilo. 13. ed. São Paulo: Globo, 1992.

LAGE, N. A reportagem: teoria e técnica de entrevista e pesquisa jornalística. 10. ed. Rio de Janeiro: Record, 2012.

LOPES-ROSSI, M. A. G. A produção escrita de gêneros discursivos em sala de aula: aspectos teóricos e sequência didática. Signum. Estudos da Linguagem, Londrina, v. 15, n. 3, p. 233-245, 2012.

MAINGUENEAU, D. Polifonia, discurso direto. In: _____. Análise de textos de comunicação. São Paulo: Cortez, 2001. p. 137-148.

MARCUSCHI, L. A. A ação dos verbos introdutórios de opinião.

In: _____. Fenômenos da linguagem: reflexões semânticas e discursivas. Rio de Janeiro: Lucerna, 2007. p. 146-168.

MARTINS FILHO, E. L. Manual de Redação e Estilo de O Estado de S. Paulo. 3. ed. São Paulo: O Estado de S. Paulo, 1997.

ORLANDI, E. P. Discurso e leitura. 9. ed. São Paulo: Cortez, 2012.